SOCIALIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DO CANDIDATO CARIOCA*

LÍDICE APARECIDA PONTES MADURO

1. Influência familiar e participação em entidades estudantis, sociais e de classe; 2. Participação política.

1. Influência familiar e participação em entidades estudantis, sociais e de classe

Trabalhos sobre o comportamento político de legisladores e a importância da sua socialização tem sido muito enfatizada pela ciência política, [1] resultando em vários estudos de pesquisadores, como Lester W. Milbrath [2] e Herbert M. Hyman, [3] que nos dão os mais variados exemplos sobre a importância da socialização nas atividades e comportamento político do indivíduo.

Vários fatores podem intervir entre a inclinação pessoal e a escolha da definição política; a pressão familiar ou de grupos comunitários é muito importante e tende a estruturar o seu mundo político. Trabalhos empíricos têm demonstrado que a participação política está intimamente associada com as atividades comunitárias não políticas.

* Este estudo compreende um dos itens da pesquisa sobre a representação política na Guanabara, e tem como universo os candidatos de 15 de novembro de 1970, realizada pelo Instituto de Direito Público e Ciência Política, sob a orientação do Prof. Armando de Oliveira Marinho e levada a efeito pelas pesquisadoras Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, Maria Antonieta Parahyba Leopoldi e Lídice Aparecida Pontes Maduro.

1 Eulau, Heinz. Buchanan, William. Ferguson, Le Roy C. Wahlke, John C. The political socialization of American State Legislators. *Legislative behavior.*

2 Milbrath, Lester W. How and why do people get involved in politics? *Political participation.* Chicago. 1965.

3 Herbert H. Hyman. A study in the psychology of political behavior. *Political socialization.* New York, The Free Press, 1969.

Segundo Milbrath e Klein, [4] a participação política é freqüentemente tida como sendo uma atividade cumulativa: pessoas que se engajam numa ação política freqüentemente engajam-se também em outras atividades. Assim sendo, os padrões de comportamento que sugerem uma participação política, podem ser apreendidos num caso especial de participação em atividades sociais e comunitárias.

Numa primeira fase deste trabalho procuramos através de algumas perguntas dirigidas ao entrevistado, observar até que ponto a posição política paterna pudesse ter influído nas suas atividades políticas, e a sua posição em relação a essa atitude política familiar. Apesar da influência familiar se modificar com a aquisição de novos conhecimentos e contatos diversos, aquela assimilação inicial tende na maioria dos casos a permanecer fortemente enraizada. Veja-se como exemplo a posição dos questionários face às idéias políticas paterna, onde 69% se dizem favoráveis a essa atitude.

Pelos dados obtidos com a pergunta referente à posição política familiar e contida na tabela 1 verifica-se que um percentual significativo (31%) demonstra uma passividade bastante acentuada quanto a assumir posições políticas. Enquanto 7% limitavam-se a concordar com a instituição política que detivesse o poder, os outros 24% não assumiram sequer essa atitude; declararam-se simplesmente apolíticos, não lhes interessando nada que se referisse a tal assunto.

Tabela 1 — Posição política paterna

1. Declara ser apolítico	7% (6)
2. Favorável ao governo do momento	24% (22)
3. Favorável a correntes ideológicas*	27% (25)
4. Favorável à monarquia	2% (2)
5. Refere-se à República Velha	6% (6)
6. Refere-se ao Estado Novo	7% (7)
7. Favorável ao período de redemocratização (UDN, PTB, PSD)	15% (13)
8. Refere-se ao período populista	1% (1)
9. Sem informação	11% (10)
	100% (92)

*Correntes ideológicas citadas: democrata (8%), nacionalista (3%), anticomunista (2%), liberal (3%), socialista (1%), positivista (1%) e conservadora (9%).

[4] Milbrath, Lester W. How and why do people get involved in politics? *Political participation.* Chicago. 1965.

Além dos indiferentes aos aspectos políticos os demais demonstraram assumir uma posição em relação aos vários períodos decorridos na vida política nacional. Inicialmente o maior percentual coube às várias correntes ideológicas citadas (27%), sendo que as correntes "conservadora" e "democrata" figuram em posição destacada com 9% e 8% respectivamente.

Outro aspecto enfatizado refere-se ao período de redemocratização posterior a 1945 e onde aparecem os grandes partidos como UDN, PTB, PSD.

Quanto ao Estado Novo e à figura de Getulio Vargas encontramos duas posições: os que são favoráveis a Getulio e os que são contra ele. [5] Nelas verificamos a mesma ênfase aos itens "favorável ao governo do momento", "correntes ideológicas" e "período de redemocratização", estando os demais tópicos bastante equilibrados nos dois partidos atuais, sendo que as possíveis influências sofridas pelos entrevistados no que se refere às idéias políticas familiares, estão distribuidas de forma bastante homogênea. [6]

Após estabelecermos a posição política familiar do candidato, procuramos verificar a sua atitude face a essa posição ideológica paterna. Verificamos que 69% dos respondentes são favoráveis à ideologia política paterna, enquanto que os indiferentes e contrários atingem os 31% restantes. Esta tomada de posição, na qual um número elevado de indivíduos se mostra favorável à opinião paterna, tem sido observada através de vários trabalhos de pesquisa [7] que mostram a tendência dos indivíduos em permanecerem fiéis às influências familiares, atinge um percentual que varia geralmente em torno de 50%.

[5] Estas diversas tendências são encontradas ao relacionarmos esta variável com o tipo de mandato pleiteado e o partido político atual do candidato.

[6] Percepção dos candidatos da Arena e do MDB sobre a posição política paterna.

Posição política paterna	Arena	MDB
1. Apolítico	24% (10)	21% (12)
2. Favorável ao governo do momento	7% (3)	5% (3)
3. Favorável a correntes ideológicas	30% (12)	25% (13)
4. Favorável à monarquia	6% (2)	— —
5. Refere-se à República Velha	6% (2)	8% (4)
6. Refere-se ao Estado Novo	8% (3)	8% (4)
7. Favorável ao período de redemocratização	13% (5)	16% (8)
8. Refere-se ao período populista	—	2% (2)
9. Sem informação	6% (2)	15% (7)
TOTAL	100% (39)	100% (53)

[7] Milbrath, Lester W. Op. cit.

Os dados referentes à socialização do candidato carioca não ficaram restritos à fase da "influência familiar", já que a socialização é resultado das mais variadas experiências na formação do indivíduo e que vão sendo acumuladas através da sua participação em vários tipos de atividades; procuramos observar a participação dos entrevistados em fases distintas como a participação em entidades estudantis, em entidades sociais e recreativas e por fim em órgãos de classe.

Ao verificar a tabela referente ao tipo de participação dos entrevistados em entidades estudantis, sociais e de classe, nota-se que o seu número é mais elevado no que se refere às duas últimas categorias, enquanto que a participação do tipo estudantil está bastante equilibrada.

Tabela 2 — Participação dos candidatos em entidades

	Estudantil	Social	De classe
Sim	48% (44)	73% (67)	62% (56)
Não	50% (46)	27% (25)	36% (34)
Sem informação	2% (2)		2% (2)
Total	100% (92)	100% (92)	100% (92)

Dos 48% que tiveram participação estudantil constatou-se que 29% estiveram ligados ao movimento estudantil universitário, participando principalmente de diretórios nas respectivas faculdades, além de pertencerem também a entidades do tipo UNE (União Nacional dos Estudantes) e freqüentarem congressos nacionais de estudantes. Os demais participaram de agremiações secundaristas, agremiações religiosas ligadas ao movimento estudantil e outras atividades nos grêmios dos colégios.

Já a participação em entidades sociais aparece em número bastante elevado (73%). Como entidades sociais considerou-se clubes e agremiações recreativas, entidades beneficentes e religiosas. Entretanto aqui não foi perguntado se o entrevistado exercia algum cargo executivo junto às diretorias, mas apenas se era filiado a alguma dessas entidades. A filiação a entidades recreativas e sociais é vista, principalmente entre os candidatos da Zona Norte, como condição fundamental para a formação de uma sólida base eleitoral e citam os clubes de bairros ou associações de ruas como bases importantes para a sua campanha.

Por último temos a filiação em entidades de classe, cujo índice de 62% de participação é justificado pela obrigatoriedade de adesão por parte de certos profissionais liberais em suas entidades de classe como por exemplo OAB, CREA, etc.

Se observarmos o tipo de entidade de classe a que os entrevistados estão filiados verificamos que 24% estão ligados a associação profissional e de classe e que 19% pertencem aos sindicatos profissionais. Enquanto alguns pertencem às duas entidades (sindicato e associação profissional), apenas um dos entrevistados declarou pertencer à Associação de Moradores de Bairros e Favelados.

Entretanto essa filiação aos organismos de classe se fazem apenas pró-forma, não havendo maior interesse ou desempenho de atividades dentro desses órgãos por parte dos seus membros. Comparecem aos sindicatos e associações apenas quando obrigatório, como por exemplo, em época de eleições.

Ao relacionarmos a filiação em entidades de classe com a ocupação do entrevistado verifica-se que a maior participação nas entidades profissionais está intimamente ligada às atividades ocupacionais mais elevadas (ver tabela 3).

Tabela 3 — Participação em entidades de classe relacionada com ocupação atual do entrevistado.

Ocupação de*	Sindicato		Assoc. Prof.		Sind. Assoc. Prof.		Ass. moradores de bairro	
Nível baixo	2	12%	—		—		1	100%
Nível médio	7	41%	10	48%	5	31%	—	
Nível médio-alto	8	47%	1	5 %	11	69%	—	
Total	17	100%	22	100%	16	100%	1	100%

*A essas categorias ocupacionais correspondem profissões como:

Nível baixo: trabalhadores de pouca ou nenhuma qualificação e que são assalariados.

Nível médio: Pequenos comerciantes e trabalhadores assalariados de qualificação média (funcionalismo médio), profissionais liberais.

Nível Médio-alto: Médio e grande proprietário, empresário médio ou grande, cargos médios e altos da burocracia.

Outro dado levantado sobre o entrevistado está ligado ao desempenho da sua atividade profissional. Foi perguntado ao candidato se ele exercia algum cargo público e a que entidade da federação estava ligado.

Encontramos um percentual de 74% de elementos ligados ao serviço público distribuídos na área estadual (37%), federal (28%) e, em alguns casos exercendo funções federais e estaduais (9%).

Quando comparamos os dados referentes ao desempenho de atividades públicas com a ocupação do candidato nota-se que a quase totalidade de elementos possuidores de níveis ocupacionais médio, e médio-alto estão ligados ao serviço público (tabela 4).

Tabela 4 — Exercício de atividade pública relacionada com ocupação atual

Ocupação de	Sim	Não	Total
Nível baixo	4 67%	2 33% —	100% (6)
Nível médio	28 67%	14 33% —	100% (42)
Nível médio-alto	36 82%	8 18% —	100% (44)

O vínculo ao serviço público é muito grande entre os que pleiteiam um cargo eletivo, tendo sido apontado por alguns dos entrevistados como conseqüência de sua candidatura. O amplo contato com o público, e mesmo com colegas de profissão, proporcionado pelo exercício de atividades ligadas ao serviço público, possibilita ao futuro político formar uma base bastante sólida para o lançamento da sua candidatura.

2. Participação política

Sobre o tipo de participação política dos entrevistados procurar-se-á fazer uma abordagem do assunto sob três aspectos:

a) de que forma ocorreu o primeiro contato com as atividades políticas, como o candidato considera o seu início na carreira política;

b) outro aspecto seria a sua participação, em termos partidários, no período pluripartidário, e

c) por último o relacionamento do candidato no que se refere à sua filiação partidária atual.

Quando procuramos levantar o início da carreira política do candidato carioca, pretendíamos verificar quando o indivíduo é despertado para as atividades políticas e de que forma se dá esse primeiro contato independentemente da iniciação legislativa.

De início questionamos a idade com que o candidato se iniciou na política, obtendo as mais variadas faixas etárias, o que prova

que não há uma idade determinada em que esse interesse seja mais acentuado, e que há uma série de razões que influem na sua iniciação política, razões essas que podem surgir em qualquer fase da vida do indivíduo.

O tipo de motivação determina a faixa etária de iniciação política.

Alguns dos entrevistados afirmaram que iniciaram as suas atividades políticas por volta dos 15 anos devido à participação política de familiares, enquanto outros se iniciaram na política por volta dos 60 anos.

Apesar de não podermos afirmar que o início da carreira política aconteça num determinado período, podemos, entretanto, verificar que entre os entrevistados há uma tendência a maior participação na faixa de 20 a 39 anos (47%) como pode ser observado na tabela 5.

Tabela 5 — Idade com que se iniciou na política.

1. 10 — 19 anos	29% (27)
2. 20 — 39 anos	47% (43)
3. 40 — 59 anos	20% (18)
4. 60 — 69 anos	2% (2)
5. sem informação	2% (2)
Total	100% (92)

Essa maior incidência de iniciação política que ocorre geralmente nas faixas etárias "jovens" (29%) é amplamente justificada por Lipset [8] quando diz da necessidade dos jovens firmarem seus próprios valores.

Outro aspecto questionado diz respeito ao tipo de iniciação na carreira política. As respostas obtidas foram classificadas em várias categorias, sendo que a maior parte dos entrevistados considerou como início das atividades políticas quando do ingresso no partido como candidato para disputa de cargo eletivo.

[8] Segundo Lipset: "É difícil, se não impossível fazer alguma estimativa real, baseado em evidências empíricas, sobre a idade em que a política torna-se significativa para os jovens". Após examinar dados de uma pesquisa ele conclui que isso se dá no período da adolescência, quando o indivíduo encontra forte influência externa da família e precisa definir seu papel como adulto.
Lipset, Leymour M. Lazarsfeld, Paul. Barton, Allen H. Linz, Juan. The psychology of vote: an analysis of political behavior. In: Gardner Lindzey, ed. *The handbook of social psychology.* Cambridge, Addison Wesley. 1954.

Através da tabela 6 pode-se observar os vários tipos de atividades que deram início à carreira política dos entrevistados cariocas.

Tabela 6 — Início da carreira política

1. Através de influência familiar	11% (10)
2. Ligação com líder político	24% (23)
3. Como candidato a cargo eletivo	36% (33)
4. Pela militância política (ligado a partido, movimento político estudantil)	27% (24)
5. Sem informação	2% (2)
	100% (92)

As razões para o indivíduo se lançar na vida política são as mais diversas, entretanto a importância atribuída à continuação da tradição familiar através da permanência de um elemento da família num cargo eletivo parece não ser muito significativa entre os entrevistados cariocas, onde o número de candidatos que pretendem desenvolver esse tipo de atitude não é dos mais elevados (11%).

Temos, por outro lado, os que procuram fazer sua base eleitoral por meio do acompanhamento e promoção de indivíduos politicamente conhecidos, trabalhando em campanhas eleitorais de políticos considerados líderes locais ou mesmo nacionais, no caso de eleições presidenciais. Como exemplo de liderança foram apontados pelos entrevistados, Mourão Filho e Carlos Lacerda, na área local, e Juscelino, Jango e Ferrari, no âmbito nacional. Através do desenvolvimento desse trabalho procuram formar sua própria base eleitoral a fim de em futuras disputas partidárias terem chance de lançar seus nomes e os verem aprovados. O número de indivíduos que iniciam suas atividades políticas acompanhando as lideranças é bastante significativo (24%).

Outro tipo de atividade está relacionado com a militância política. Iniciam a carreira política mediante uma relação formal, ou seja, filiando-se a um partido e procurando manter um bom relacionamento interno, o que cria condições de se lançar em campanhas eleitorais. Podem-se iniciar também por uma militância informal através de movimentos políticos ou estudantis, que, como vimos anteriormente, ocorrem principalmente na área universitária. Dentre os que tiveram esse tipo de iniciação política encontramos um percentual de 27%.

A categoria mais significativa coube aos que iniciaram as suas atividades políticas como candidatos (36%), sendo que muitas vezes é induzido à candidatura em conseqüência da sua atividade profissional, e que pode fornecer uma base eleitoral sólida para o indivíduo se lançar a uma campanha política. Se relacionarmos esse tipo de iniciação política com a ocupação atual verificamos que indivíduos que possuem ocupação de nível médio e principalmente nível médio-alto geralmente têm sua iniciação política como candidatos. Esses níveis incluem principalmente profissões onde o contato com o público é bastante importante, justificando assim a boa base eleitoral que o candidato pode formar.

É importante salientar que alguns entrevistados declararam se candidatar devido a ligações com movimentos de classe e associações de favelados, pretendendo ser os representantes destes, caso consigam obter um mandato. Apesar desse percentual ser de apenas 4%, é importante observarmos esse tipo de atitude política por parte de elementos que pretendem ingressar no legislativo.

Dentre os vários tipos de iniciação política verificamos que a forma mais significativa ainda é o lançamento da candidatura através do partido a que pertence e quando julga ter uma base eleitoral que lhe garanta um mandato.

Vamos detalhar a seguir o tipo de atividade política dos candidatos cariocas durante a vigência do sistema político pluripartidário e sua atividade política atual.

2.1 *Atividade partidária durante o sistema pluripartidário*

Dos 92 entrevistados constantes de nossa amostra verificamos que 65% (60) estavam filiados a algum partido no período anterior a 1964, sendo que alguns participaram de mais de uma agremiação partidária.

Para estudarmos a filiação política nos ex-partidos, foi feita, segundo o tempo de permanência nesses partidos, uma divisão em períodos:

a) o primeiro período abrange a filiação de um a quatro anos;

b) o segundo período de cinco a 10 anos, e

c) o terceiro período inclui os que permaneceram num mesmo partido por mais de 11 anos.

Desse modo verificaremos as tendências desses políticos quanto à sua fidelidade partidária medida aqui em termos de anos de permanência num mesmo partido o que demonstra alguma identidade entre o filiado e o partido. Pela tabela 7 podemos observar

a filiação partidária dos entrevistados no sistema pluripartidário de acordo com a divisão em períodos preestabelecida anteriormente.

Tabela 7 — Ex-partidos a que pertenceram os candidatos

	Primeiro período 1/4 anos	Segundo período 5/10 anos	Terceiro período Acima de 11 anos
1. Não pertenceram a ex-partidos	32	71	73
2. UDN	23	8	4
3. PTB	12	2	8
4. PSD	7	4	5
5. PDC	5	2	1
6. Outros*	13	5	1
	92 100%	92 100%	92 100%

* Os partidos menos citados são: PSP, PTN, PL, PST, PR, PSB, PRT, PRP e MTR.

A maior concentração de filiados aos ex-partidos se verifica exatamente no primeiro período, por abranger uma faixa de tempo pequena e ter ocorrido filiação a mais de um partido nesse período. Quanto aos partidos citados observa-se que a maior incidência de adeptos ocorre nas três etapas apresentadas nos chamados grandes partidos (UDN, PTB, PSD). Sendo que na primeira fase o percentual da UDN e PTB é bem superior aos demais, equilibrando-se, à medida que aumenta o tempo de filiação partidária. A preferência dada aos grandes partidos é amplamente justificada devido à sua importância no cenário político nacional e à projeção que pode dar àqueles que pertencem aos seus quadros.

Pelos dados podemos deduzir que a tendência dos entrevistados é não permanecer por períodos muito longos num mesmo partido, principalmente quando do início de uma carreira política, visto a grande diferença observada nos três períodos apresentados. Entretanto é importante mostrar o número bastante significativo de indivíduos que permaneceram por mais de 11 anos filiados ao mesmo partido (30%).

Em segundo lugar é preciso que se diga que essa tendência à estabilidade partidária (segundo o terceiro período) medida aqui em número de anos de filiação se faz notar entre aqueles que

pleiteiam os mandatos de deputado federal e senador, podendo-se inferir que essa estabilidade está intimamente relacionada a uma carreira política bastante estabilizada e se dá a partir do momento em que o indivíduo alcança a sua maturidade política, buscando através da eleição ou reeleição os cargos mais elevados na hierarquia parlamentar. Esta afirmação, entretanto, não é generalizante, pois podemos encontrar elementos iniciantes na vida política já com bastante maturidade e que se mantém filiado ao mesmo partido por muitos anos.

A partir da filiação partidária no período anterior a 1964 procuramos observar a mobilidade partidária existente. Inicialmente foi questionado o número de partidos a que pertenceu o entrevistado, tendo-se perguntado depois sobre as razões da mudança de partido, caso tenha havido essa mudança. Soubemos assim, que dentre aqueles que estiveram filiados partidariamente naquele período, um pouco mais da metade (57%) pertenceu a apenas um partido, enquanto os demais (43%) variaram de dois a quatro partidos.

Se levarmos em conta que as organizações partidárias brasileiras nunca primaram por um profundo cunho ideológico, seria de se esperar que houvesse uma maior movimentação interpartidária por parte de seus filiados.

E se estabelecermos que a instabilidade partidária dos políticos entrevistados deve ser considerada a partir da filiação a três partidos ou mais durante aquela fase política, verificaremos que esse percentual não é dos mais elevados, pois atinge a 23% (ver tabela 8).

Tabela 8 — Número de partidos a que pertenceu o candidato

1. 1 partido	57% (34)	
2. 2 partidos	20% (12)	
3. 3 partidos	18% (11)	23%
4. 4 partidos	5% (3)	
Total	100% (60)	

Ao relacionarmos a estabilidade partidária anterior dos componentes da nossa amostra com os partidos atuais a que estão filiados e adotando o mesmo critério relativo ao grau de estabilidade verificamos que dentre os políticos com tendência à estabilidade a maioria está filiada à Arena (64%), sendo o percentual relativo ao MDB também bastante significativo.

Tabela 9 — Estabilidade partidária e o número de ex-partidos

	Estabilidade partidária	Instabilidade partidária	Não pertenceu a ex-partidos	Total
1. Arena	64% (25)	10% (4)	26% (10)	100% (39)
2. MDB	40% (21)	18% (10)	42% (22)	100% (53)

A partir da constatação da mobilidade partidária verificada durante o sistema pluripartidário, procurou-se saber as razões que fizeram com que 43% dos entrevistados se transferissem de partido.

As respostas obtidas foram agrupadas na tabela 10 e apresentaremos de forma detalhada a seguir.

Verificamos que os indivíduos estão muito mais ligados a um líder político do que ao partido, tendo sido apontado como a principal razão de transferência partidária o deslocamento de lideranças (31%). O fato de um grande número de políticos terem iniciado sua carreira política à sombra de um determinado líder, impõem sua transferência quando esse líder, por algum motivo, sai do partido levando consigo os seus seguidores.

Outra alternativa refere-se aos interesses pessoais do político. Quando ele se sente insatisfeito dentro do partido ou, por alguma razão se vê impossibilitado de se eleger através do partido a que está filiado, dá-se a sua transferência para outro partido que lhe ofereça maiores possibilidades de obter um mandato (24%).

A concordância ou não com os objetivos e programas do partido também funcionam como fatores responsáveis pela mudança de partido, dando assim um aspecto mais ideológico a essa mobilidade. Ainda como causa responsável pela mobilidade são as contradições surgidas dentro dos partidos e que fazem com que se torne necessária a saída dos elementos discordantes.

Tabela 10 — Motivo da instabilidade partidária anterior a 1964

1. Acompanhamento de um líder	8 (31%)
2. Concordância/discordância com os objetivos do partido.	5 (19%)
3. Motivos pessoais (desavenças dentro do partido)	6 (24%)
4. Contradições internas no partido	5 (19%)
5. Sem informação	2 (7%)
Total	26 (100%)

2.2 *Atividade partidária atual*

Apesar da recente formação dos dois partidos procuramos saber através de seus filiados, se houve alguma mobilidade partidária na fase atual. Da amostra entrevistada encontramos um percentual bem pequeno de elementos que mudaram de partido (4%) sendo que essas mudanças ocorreram no partido oposicionista (MDB). Devido à formação partidária ter sido desde o início colocada em termos de ser favorável — contrário ao governo implantado em 1964 —, a mobilidade partidária ficou muito restrita em termos de opção aos que tivessem alguma intenção de mudar de partido.

No que se refere ao tempo de filiação partidária dos entrevistados, verificamos que o número de filiados iniciais se ateve principalmente aos fundadores dos partidos governista e oposicionista.

O fato de ser necessária uma adesão imediata aos novos partidos por parte daqueles que estavam exercendo cargos legislativos fez com que esse número aumentasse. Entretanto foi observado que é quando da aproximação de um pleito eleitoral que o partido é procurado com maior intensidade, pois, faz-se imprescindível a filiação partidária para a disputa de um mandato, fato aliás bastante observado no movimento político brasileiro onde o partido político é visto como um meio para obtenção de um cargo e não como uma agremiação de base ideológica.

Tomando como base o ano de 1970 perguntou-se aos candidatos cariocas há quantos anos estavam filiados ao atual partido. Constatamos que ao se aproximar a época das eleições (1966-70) o percentual de filiação aumenta sensivelmente.

Tabela 11 — Tempo de filiação partidária atual
(Ano-base 1970)

1. 1 ano	16% (15)
2. 2 anos	12% (11)
3. 3 anos	7% (6)
4. 4 anos	35% (32)
5. 5 anos	21% (19)
6. 6 anos	7% (7)
7. Sem informação	2% (2)
Total	100% (92)

A partir da filiação partidária procuramos localizar as razões que levaram os candidatos a optar por um dos partidos. Saber através do próprio político o porque de sua escolha pelo atual partido.

As respostas foram agrupadas na tabela 12 apresentada a seguir e que mostra a tendência de filiação dos candidatos.

Tabela 12 — Motivo da filiação partidária atual

1. Pela posição do partido em relação ao governo	28% (26)
2. Pela relação dos partidos atuais com os antigos partidos	33% (30)
3. Pela indentificação ideológica com o partido	23% (21)
4. Por uma motivação individual	13% (12)
5. Sem informação	3% (3)
Total	100% (92)

Apesar de haver certo equilíbrio nas respostas fornecidas, nota-se que os candidatos de novembro de 1970 estavam ainda bastante influenciados pelo sistema pluripartidário. Este aspecto é observado do ponto de vista dos dois partidos quando os seus candidatos apontam como causa de sua definição partidária o fato de verem nos atuais partidos uma identificação bastante significativa com os ex-partidos principalmente a UDN e PTB (33%).

Uma outra razão de filiação partidária está ligada à posição do candidato em relação ao governo atual. Desse modo, a escolha do partido se dá em função de ser favorável ou contrário ao governo revolucionário (28%). Tal opção foi adotada pelos candidatos dos dois partidos sendo que em maioria pelos que pertencem à Arena (45%).

Outro aspecto refere-se à identificação ideológica com o partido, ou seja, concordância com os objetivos e programática do partido, assim como a identificação através da popularidade que o partido goza junto ao eleitorado (23%). Foi ainda citado como razão de filiação ao partido "A motivação individual do candidato" devido às suas ligações com as lideranças partidárias, simpatia por um dos partidos e ainda a necessidade de preservação da tradição familiar; estes são motivos que levam os candidatos a optarem por um dos dois partidos existentes (13%).

Se, por outro lado, procuramos ver essas razões do ponto de vista de cada partido (tabela 13), verificaremos que os candidatos da Arena citam como justificativa de sua filiação partidária as duas primeiras opções — "posição em relação ao governo" (24%) e "ligação com os ex-partidos" (32%) atingindo o percentual de 74% dos candidatos desse partido, enquanto os candidatos do MDB dão grande importância aos itens 2 e 3 "identificação com os ex-partidos" (36%) e "identificação ideológica" (31%). Fica evidenciado que apesar das divergências existentes

entre os dois partidos e das diferentes razões que levaram os candidatos a optar por um deles, num ponto podemos dizer que há uma identidade de interesses e que está intimamente ligada ao sistema político pluripartidário. Grande parte dos candidatos procuram nos partidos atuais os requisitos de seus antigos partidos ou de suas lideranças.

Tabela 13 — Filiação partidária atual vista pelos candidatos dos dois partidos

	MDB	Arena
1. Pela posição do partido em relação ao governo	41% (16)	19% (10)
2. Pela relação dos partidos atuais com os antigos partidos	31% (12)	34% (18)
3. Pela identificação ideológica com o partido	13% (5)	30% (16)
4. Por uma motivação individual	13% (5)	14% (7)
5. Sem informação	2% (1)	3% (2)
Total	100% (39)	100% (53)

Apesar deste trabalho não se destinar fundamentalmente ao levantamento de dados sobre socialização dos entrevistados, procuramos fornecer uma idéia geral dos candidatos cariocas no que se refere à posição política familiar e às possíveis inferências nas suas atividades políticas, bem como o grau de participação em entidades de classe, estudantil e sociais.

Na primeira parte onde abordamos aspectos referentes à socialização e participação comunitária do entrevistado, procuramos mostrar como o político carioca se coloca em relação aos itens questionados. Vários aspectos que se tornariam indispensáveis caso a pesquisa se destinasse especificamente a esse aspecto deixaram de ser focalizados.

A seguir, referindo-se à participação política, desde a sua iniciação, passando pelo período pluripartidário e finalmente a atividade partidária atual, que abrange o período de filiação partidária e as razões dessa filiação, procuramos fornecer dados mais abrangentes, onde verificamos como e em que circunstâncias se dá a iniciação política do candidato carioca, para quem o lançamento da candidatura ainda é o fator fundamental para a ligação partidária. Vemos também a importância do período pluripartidário e dos líderes políticos que se faz sentir até o período atual.

A partir do levantamento desses dados, cremos terem-se apresentado aspectos interessantes e que merecem outros estudos onde se procuraria esgotar o assunto e que contribuiriam de forma bastante significativa no campo da ciência política.